Editorial

Leopold Nosek

Construções

Afinal, do que se trata, esta nossa prática? Fazemos ciência? Literatura? Filosofia? Reconstruímos lacunas do passado, recuperamos memórias, atribuímos sentidos a acontecimentos de uma vida? Damos forma a restos da história infantil? Ou criamos sentidos onde eles não existiam?

É a transferência reapresentação do passado ou acontecimento presente que traz em si toda a história atualizada? Ou, ainda, é o trajeto representativo possível a uma apresentação pulsional que se origina do próprio encontro analítico?

Tratamos, então, de recuperar uma verdade escondida, por inaceitável, e somos portanto psicanalistas em função? Ou somos partícipes de um acontecimento que busca sua construção onírica e nos tornamos analistas por permitir que isso aconteça? Se assim for, não teremos a segurança de um ator científico. Seremos construtores de sentidos parciais e, portanto, teremos utilidade como guias de mais um pequeno trajeto de vida.

Somos em nossa função quem ajuda a tornar consciente o inconsciente? Somos quem constrói, em associação com nossos pacientes, trajetos psíquicos onde eles inexistiam? Onde houver id, possa haver ego: a isto nos consignamos? Interpretamos ou construímos? Que respostas temos?

É neste espaço de questionamentos que se move este número da *Revista Brasileira de Psicanálise*.

Partimos todos da matriz comum que é a obra freudiana. Insuficiente e provisória, é, no entanto, a nossa base. Como em todos os movimentos que se originaram no modernismo, a psicanálise tinha também a pretensão à verdade e a se tornar um guia para a vida. Desenvolvimentos seqüentes radicalizaram trechos da obra de Freud e pretenderam também a Totalidade. Assim, muitas vezes nos vemos diante de falsas e desnecessárias dicotomias.

Exemplo disso é a oposição entre interpretação e construção na situação clínica. Não há oposição entre a primeira e a segunda tópica. Há, sim, ampliações: o inconsciente da primeira tópica, constituído de memórias, encontra seu lugar na segunda; o que ocorre é um acréscimo, com o território do id e de toda a rede conceitual que é a sua conseqüência.

Toda mudança conceitual parte da prática e, trazendo novas soluções e novos dilemas, a ela retorna. Não fazem sentido os partidarismos aplicados a trechos de nenhuma obra. Os conceitos analíticos têm margens fluidas e se constituem em complexas redes associativas. Dicotomias radicais, portanto, não fazem sentido. Merecem, sim, ser objeto de reflexão e debate.

A arte que se pretende retrato do humano correlatamente à história da psicanálise também sofre transformações. Hoje ninguém se ilude com retratos naturalistas. Os modos

de representação passam por transformações viscerais. A moldura se fratura, a própria figura se desfaz numa multiplicidade de planos, comunicamos sem figurações no abstracionismo, isolamos o gestual, podemos falar recorrendo "apenas" às cores. Isolamos a luz – e, assim, infinitas formas de dizer se organizam.

Faz sentido caminharmos pelas situações analíticas como se carregássemos a tiracolo uma polaróide sempre pronta para figurar os acontecimentos inconscientes? Quem representa o faz na ausência do objeto figurado? Temos o que aprender com os desafios que a arte atual nos propõe com suas novas formas de representação da realidade?

Creio que sim, podemos aprender muito com instalações, performances e *assemblages* de toda ordem, formas em que o sujeito e o objeto do conhecimento não constituem identidades isoladas e independentes.

Em tempos de crise de paradigmas em todas as áreas, parece boa idéia tomar contato com outras crises e outras propostas de encaminhamento. Assim, ouvimos neste número um artista e professor da Universidade de São Paulo – Carlos Fajardo –, e, como jamais teremos conversar no ar, suas histórias e reflexões serão debatidas por psicanalistas do nosso meio.

O que vem a calhar, pois o eixo desta edição é o 68º Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa, que explorou justamente o tema "construções em psicanálise". Ele também será debatido por nossos autores.

Por fim, gostaria de lembrar que está aberto o espaço das Cartas do Leitor. Convidamos a todos para o debate.

L. N.
São Paulo, novembro de 2008